

O trimestre negro

21 DEZ 1992
CCB Brasil

Os dados relativos à estimativa do PIB no final do terceiro trimestre de 92, com taxa acumulada negativa de 1,08%, não constituem surpresa. O Ipea, instituto ligado ao Ministério do Planejamento, previra para 92 uma queda de 1,5%. O que impressiona é o agravamento da situação econômica, quando se toma por referência não apenas a taxa acumulada, mas o trimestre anterior ou o mesmo trimestre de 91. A análise setorial é ainda mais ilustrativa.

No terceiro trimestre deste ano, a indústria de transformação acusou queda de 11,1% em relação ao mesmo período de 91, verificando-se que, a cada trimestre, tal índice se eleva. Os dados de outubro, já divulgados, não foram muito favoráveis, o que faz reear que nos dois últimos meses não se possa, mesmo com uma reação positiva da produção industrial, melhorar sensivelmente um quadro tão negativo.

Outro dado parece estranho: a redução do PIB agrícola acumulado, ou relativo ao mesmo trimestre de 91. Pensava-se que o crescimento da produção do setor primário da economia exerceria um efeito altamente positivo sobre o PIB, ainda que o peso desse setor seja de apenas 10%. Verifica-se que a cada trimestre a taxa de

crescimento diminui e tal redução vai além de fatores sazonais, podendo explicar-se por uma revisão — por baixo — das previsões e uma redução das safras, contabilizadas nos últimos meses do ano.

A profundidade da crise pode ser medida pelo que ocorre em um setor altamente significativo, o de transporte. Nos quatro trimestres anteriores, apesar dos resultados medíocres, sempre se registrou um aumento em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Ora, no terceiro trimestre deste ano, apurou-se forte redução, o que mostra que a queda da movimentação das mercadorias foi bastante acentuada. É possível que o clima político decorrente do processo de impeachment contra o presidente Collor tenha contribuído para essa queda das atividades econômicas. Mas pode-se temer o prolongamento da incerteza que vem caracterizando os primeiros meses do governo Itamar Franco. Assisitimos agora a uma retomada das vendas no varejo e maior movimentação no mercado imobiliário, capazes de melhorar ligeiramente os resultados previstos no quarto trimestre do ano. Não se pode, entretanto, abrigar muitas ilusões, pois os sinais de recuperação são relativos ao quarto trimestre de 91, seguramente péssimo.